

## Dossiê Ensinar e Aprender na Universidade

**Renata Marcílio Cândido**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8032-881X>

**Patrícia Aparecida do Amparo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1283-0901>

**Cesar Augusto Castro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7650-895X>

### Apresentação

Em *Meditações Pascalianas*, Pierre Bourdieu (2001) se propõe a colocar em exame a razão e a prática escolástica, marcas da atividade filosófica. Ao fazer isso, o autor oferece interpretações desconcertantes acerca do *homo academicus* e, claro, do próprio campo acadêmico. Ao fazer isso, o intelectual francês salienta que uma das características dos filósofos reside na *doxa epistêmica*, ou seja, em um “[...] conjunto de crenças fundamentais que nem sequer precisam se afirmar sob a forma de um dogma explícito e consciente de si mesmo” (Bourdieu, 2001, p. 25). Compreender, portanto, o que caracteriza a atividade acadêmica requer explicitar tais elementos, frequentemente, distantes da consciência dos sujeitos. O dossiê *Ensinar e aprender na universidade*, embora com pretensões muito mais modestas do que a de Pierre Bourdieu, se propõe a explorar dimensões do espaço acadêmico, especialmente, no que se refere às possibilidades e/ou especificidades das formas de se entender e praticar a vida universitária. Poderíamos pensar que, de certa forma, os trabalhos ora apresentados buscam suspender um pouco do funcionamento impensado do cotidiano universitário para que se consiga enxergar um pouco mais de suas características, sobretudo, no que respeita às instituições universitárias de formação docente.

Trata-se de uma oportunidade para desenvolver análises que buscam contemplar diversos ângulos da questão central por meio de elaborações enraizadas nas formas de ensinar e de aprender na graduação, bem como nas maneiras pelas quais os professores elaboram seus saberes. Enfatiza-se a busca pela ampliação das discussões pelo recurso a diferentes perspectivas teóricas convocando, assim, a um pensamento reflexivo sobre



o assunto. Fala-se aqui também do que se aprende ao ensinar. E fala-se sobre como se aprende nas situações de partilha: os grupos de pesquisa, a sala de aula e outras situações peculiares da vida escolar. A invenção dos modos de ensinar e a ação dos modelos de excelência partilhados institucionalmente e garantidos por meio das avaliações dos estudantes e seleção dos professores também é tema em tela neste dossiê, assim como as formas pelas quais diferentes disciplinas contribuem para a formação de disposições intelectuais que ultrapassam os conhecimentos e habilidades explícitas prolongando seus aprendizados para a vida. Incluem-se ainda análises sobre a construção dos modos de ensinar alicerçados nas experiências vividas por docentes em seus tempos de alunos. O dossiê deve ainda examinar algumas formas pelas quais diferentes disciplinas contribuem, pela forma como são ensinadas, para a formação de disposições intelectuais que ultrapassam os conhecimentos e habilidades explícitos. As marcas da didática do professor que pesquisa e explicita um saber original e as marcas didáticas da transmissão de saberes sistematizados, organizados com o fim de serem mais facilmente assimilados. Propõe-se, ainda, abordagem nacional e internacional que abarca questões concernentes ao ensino e à aprendizagem universitária em diferentes regiões brasileiras e na China, favorecendo a percepção de como aspectos diversos da vida universitária circulam atualmente. É perceptível, assim, certo caráter geopolítico assumido por políticas de mobilidade estudantes e modelos formativos.

O interesse por refletir a respeito dos pressupostos das formas de ensinar e de aprender – neste caso, na universidade – tem raízes profundas entre os autores dos textos que compõem esse conjunto. As primeiras versões dos textos apresentados compuseram as apresentações do VI Ciclo de Palestras da FEUSP que pretendeu, no primeiro semestre de 2023, apresentar a integrantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e demais Licenciaturas (em turmas dos professores responsáveis pela iniciativa e de forma aberta a outros discentes e docentes interessados), questões e problemas envolvidos nos processos de ensinar e aprender na universidade. Os Ciclos de palestras vêm acontecendo desde 2019 e costumam se organizar, semestralmente, a partir da escrita de um trabalho original motivado pela temática do Ciclo. Na sequência estabelece-se a discussão a partir das perguntas e intervenções dos alunos<sup>1</sup>. Os artigos que compõem este dossiê, acrescido

---

<sup>1</sup> Essa iniciativa tem gerado, além das palestras, artigos e capítulos de livros, por isso, é importante retomar, neste momento, quais foram os ciclos e as produções dele decorrentes: 1) “A Formação da Biblioteca Pessoal: efeitos refeitos”, no 1º semestre de 2019; 2) “Obras literárias e seus efeitos educativos”, no 2º semestre de 2019; 3) “Os clássicos que escolhemos como nossos: reflexões sobre seus efeitos estruturantes em educação”, no 1º semestre de 2020 (o Ciclo não pode acontecer devido à pandemia, mas a exemplo dos outros, foi publicado como dossiê na Revista Estudos Avançados nº 105 com o título “Clássicos da Educação” 1 ); 4) “O que a escola faz? Apropriações de diferentes matrizes teóricas para algumas respostas”, no 1º semestre de 2022; 5) “Os estudos educacionais e suas fontes”, no 2º semestre de 2022.

da contribuição de outros autores, apresentam, assim, as trocas e reflexões desse grupo de docentes a respeito do ensino e da aprendizagem universitária.

O primeiro artigo do nosso dossiê, *Exercícios pedagógicos na Universidade em dois tempos: a literatura arquitetando espaços de educação* de Denice Barbara Catani e Patrícia Aparecida do Amparo, objetiva construir aproximações entre literatura e formação com base na ideia de espaços pedagógicos de Carlos Reis. Considerando os efeitos construtivos do espaço literário nas representações do espaço escolar e as variadas refrações do primeiro na formação docente, serão discutidas duas hipóteses sobre formas de ensino em cursos de Pedagogia e Licenciatura. A primeira trata da leitura de “A língua absolvida”, de Elias Canetti, e posterior elaboração de ensaios nos quais os estudantes tematizavam processos formativos. A segunda apresenta a invenção de práticas de ensino pela leitura de obras ficcionais. Colocados em ação em períodos distintos - sendo o primeiro entre o final de 1980 e os anos 2000 e o segundo em 2021 - os exercícios pedagógicos indicam a pertinência das aproximações entre obras de ficção, memorialísticas e/ou autobiográficas e a educação, criando espaços pedagógicos na articulação entre traços biográficos e categorias pessoais de percepção e de apreciação da realidade.

Em *O artesanal e o instrumental na Universidade de São Paulo: tradições e experiências de ensino*, Katiene Nogueira da Silva e Roni Cleber Dias de Menezes tecem reflexões acerca das experiências de ensino e de aprendizagem na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Para isso, realizam uma incursão dupla que permite em um primeiro momento tratar dos saberes produzidos e das práticas e representações sobre o ensino na recém-criada universidade, explorando as tensões entre as intencionalidades presentes no projeto da nova instituição e as respostas oferecidas pelos seus sujeitos com ênfase ao projeto da Faculdade de Educação. Segundo os autores, a influência europeia e a ênfase francesa marcam a origem da instituição, especificamente na proposição concomitante de “saber desinteressado” ou aqueles que enriqueceriam e desenvolveriam o espírito e dos “saberes utilitários” ou benéficos à vida prática. Para os anos mais recentes, os anos de 2010, os autores refletem sobre o comparecimento de disciplinas de história da educação no curso de Pedagogia e sobre os usos de dois manuais de ensino para as aulas: *História da educação na antiguidade (Histoire de l'éducation dans l'Antiquité)* e *História da educação e da pedagogia (Historia de la educación y de la pedagogía)* de Lorenzo Luzuriaga. A ideia é extrair sentidos da presença desses compêndios – e de alguma maneira da presença dos próprios autores – na construção dos programas, seleção de temas e abordagens dos conteúdos das disciplinas ministradas, de modo direto e indireto, e também por intermédio das reflexões possibilitadas pelo exame dos livros aludidos nos debates promovidos em sala de aula a propósito das interrelações entre as dimensões da pesquisa e do ensino na formação de professores.

Os modos pelos quais os professores em exercício e em formação mobilizam seus saberes para constituírem suas práticas é tema do artigo escrito por Juliana de Souza Silva e Renata Marcílio Cândido intitulado *Configurações históricas e atuais da profissão docente: o que se aprende quando se ensina?* Para tratar da questão apresentada no título, as autoras organizam seus argumentos em duas partes do texto. A primeira que se dedica a uma rápida e cirúrgica incursão pela história da educação e das instituições de formação de professores e, no âmbito destas da constituição de um currículo capaz de profissionalizar os indivíduos que pretendem se dedicar ao ofício. Com ênfase ao século XIX, selecionamos elementos dos projetos pensados para as primeiras instituições especializadas na formação de professores, as Escolas Normais, e no âmbito destes projetos os debates sobre os conteúdos a serem ensinados, os métodos, as representações sobre a docência e a sua prática. Em um segundo momento, são investigados os conhecimentos docentes forjados na prática cotidiana a partir dos depoimentos de professores da Universidade de São Paulo de diferentes áreas do conhecimento, de forma a refletir sobre os modos como a docência na universidade é vivida por aqueles que têm como uma de suas obrigações desenvolvê-la, ou ainda, o que eles pensam sobre o ato de ensinar, suas representações sobre o ser professor, suas ideias sobre os conhecimentos pedagógicos, dificuldades e superações. Almeja-se identificar alguns preceitos ou valores que dão sustentação às compreensões sobre a docência em diferentes áreas de atuação e entender os lugares de onde os professores falam e como construíram, histórica e subjetivamente, suas representações sobre ensinar e aprender.

César Augusto Castro nos apresenta importantes reflexões sobre *Ensinar e aprender na universidade: a Iniciação Científica como lugar de formação* que incidem sobre o ensinar e o aprender na universidade como práticas de produção do conhecimento, de formação acadêmica e de incursão na pesquisa. Destaca as atuações e as experiências de jovens discentes em atividades no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação (PIBIC), criado pelo CNPq. No âmbito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) o PIBIC foi criado em 21 de dezembro de 1987, com o finalidade de incrementar o Projeto Norte de Pós-graduação e com os objetivos de: a) Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação; b) Propiciar à Instituição um instrumento de formulação de política de iniciação à pesquisa para alunos de graduação; c) Estimular uma maior articulação entre a graduação e pós-graduação; d) Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; e) Contribuir de forma decisiva para reduzir o tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação; f) Estimular pesquisadores produtivos a envolverem alunos de graduação nas atividades científica, tecnológica e artístico-cultural; g) Proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente

e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa. As experiências relatadas foram desenvolvidas com alunos ingressos que atuaram como bolsistas de IC no Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL) de modo a problematizar como as atividades realizadas têm permitido a interface entre o ensino, a pesquisa e a extensão, em uma relação ampla, verticalizada e consistente. As considerações finais indicam os modos pelos quais a concessão e gerenciamento de bolsas têm contribuído para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, incorporando novos hábitos, atitudes, iniciativas e comportamentos nos discentes em formação nas universidades. Conclui-se que a IC é uma iniciativa que além de permitir a troca de saberes e práticas entre pesquisadores experientes e jovens aprendizes têm estimulado a inclusão e renovação da ciência brasileira.

O artigo *Experiências e sentidos da aula na universidade: alguns apontamentos*, escrito por Ana Laura Godinho Lima e Vivian Batista da Silva parte de algumas considerações sobre a experiência e o ambiente da aula na universidade, analisando também práticas de leitura que contornam relações com o saber e delineiam processos específicos de formação. A questão fundamental que o orienta o texto é formulada da seguinte maneira: quais condições uma aula deve reunir para favorecer as *experiências culturais* e para que professores e estudantes sintam que a vida universitária vale a pena? Caminhando por referências da psicanálise, da filosofia da educação e da história da educação, as discussões sobre essa pergunta conduzem inicialmente à *experiência*, entendida com base nos escritos de Donald Winnicott e Jorge Larrosa. Para isso, as autoras se dedicam a leitura e análise dos escritos de Donald Winnicott sobre a *experiência cultural* e o ambiente, como fatores a serem considerados nos estudos sobre o desenvolvimento humano, procurando articulá-las a ideias de Jorge Larrosa sobre o saber da experiência, o ofício docente e a sala de aula. O presente artigo considera ainda práticas escolares historicamente institucionalizadas, particularmente as denominadas *sebentas* e os tipos de *experiências* que esses apontamentos, feitos pelos alunos da Universidade de Coimbra já no século XVIII para registrar as explicações de seus professores, produziram e as tradições que ainda remetem nos dias atuais. As belas descrições feitas em 1945 por Fernando de Azevedo acerca dessas práticas conduzem a pensar sobre o que Inés Dussel e Marcelo Caruso denominam de “invenção da sala de aula” e permitem, assim, refletir sobre *experiências* que, em diferentes momentos, direcionam e dão sentido à vida universitária. Entende-se que, ao se interrogar sobre os sentidos das *experiências* da aula no ensino superior, examinando algumas das formas pelas quais algumas práticas, entre anotações e leituras, contribuem, pela forma como são ensinadas, para a formação de disposições mais férteis para com o conhecimento.

Elementos constituintes das relações pedagógicas nas universidades chinesas são debatidos por Meijuan Lu, Jing Zhao, André Robert em artigo intitulado *Políticas chinesas*

*de compreensão internacional e internacionalização do ensino superior (IES): o exemplo da Universidade de Yunnan (final do século XX e início do século XXI).* Os autores tratam de responder questões sobre a inserção da universidade chinesa nas políticas nacionais e regionais da Internacionalização do Ensino Superior e da mobilidade estudantil. A IES é compreendida como um fenômeno que, sem ter inicialmente este nome, se manifestou com o desenvolvimento da Universidade (nos séculos XIV e XV no Ocidente) e, nos dias atuais, assume diferentes conotações. No contexto da internacionalização transnacional e transcultural, a Internacionalização do Ensino Superior e da mobilidade estudantil tem como objetivo cultivar talentos dentro de uma visão global e de competitividade, bem como produzir resultados de pesquisa científica incluindo uma dimensão internacional. Como categoria ‘oficial’ contemporânea expressa nas políticas da UNESCO, trata-se de uma resposta à globalização econômica como um processo de busca da excelência e desenvolvimento contínuo do Ensino Superior e da Pesquisa. No caso da China o incentivo à mobilidade internacional de estudantes faz parte de um processo global de desenvolvimento da soberania educacional do país. Essa política de internacionalização vem de longa data e o artigo começa analisando o nível macro, governo central, a partir da década de 1980 (a “nova era”); apresentam, em nível meso, o exemplo da região de Yunnan (sudeste da China) e, a seguir, o artigo se dedica à investigação da IES e da política de mobilidade estudantil no nível da Universidade de Yunnan, nível micro. Em suas considerações finais, os autores indicam a necessidade das autoridades provinciais e locais afirmar, de acordo com sua localização geográfica e suas especificidades, uma “epistemologia” parcialmente distinta da epistemologia dominante.

Uma atenção mais detida ao trabalho realizados pelos docentes nas universidades e às relações que os estudantes estabelecem com os saberes, valores e práticas ali vivenciadas é dada pelas autoras Rosemeire Reis e Jeane Felix em artigo intitulado *Desafios e táticas de mulheres para tornarem-se estudantes de pedagogia*. As autoras discutem questões sobre os desafios de afiliação das mulheres universitárias em uma universidade pública federal localizada no nordeste brasileiro, especialmente no primeiro ano do curso de Pedagogia, dando ênfase aos sentidos atribuídos por elas aos desafios vivenciados no primeiro ano da vida universitária, as táticas que constroem para enfrentá-los, bem como os recursos objetivos e simbólicos estas mulheres mobilizam para construir tais táticas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, conforme Christine Delory-Momberger, com as descrições e análises das narrativas de duas mulheres estudantes do curso, tendo como procedimento a entrevista de pesquisa biográfica. Nas análises são mobilizadas as noções de afiliação, conforme Alain Coulon; táticas, de acordo com Certeau e relação com o saber, segundo Bernard Charlot. Em suas considerações, as autoras percebem que as mulheres universitárias de modo diferenciado, com seus repertórios, suas redes de apoio e condições ou

não de envolvimento com oportunidades oferecidas no curso necessitam enfrentar os desafios para se tornarem estudantes universitárias que, não sendo interrompida, produz os sentidos de sua formação que, como apontam as duas participantes da pesquisa, são fundamentais para a ampliação de seus modos de se relacionar com mundo, com os outros e com si mesmas. As autoras concluem indicando a importância de políticas educativas nas universidades que transversalizem as questões de gênero e permitam às estudantes vivenciarem experiências, no sentido empregado aqui, para, assim, desenvolverem o seu processo de afiliação em uma formação que lhes permita, além de tudo, refletir sobre (e modificar) o seu lugar no mundo.

Em *A docência na era da reprodutividade técnica: regressão do pensamento, barbárie e as possibilidades da experiência na formação humana*, Arlindo da Silva Lourenço e Fernando Luiz Zanetti apresentam um ensaio em que se propõem a explorar as especificidades da docência na atualidade. A partir de diálogo com teóricos críticos da sociedade, tais como Walter Benjamin, Hannah Arendt e Michel Foucault, os autores assinalam que atualmente os professores se veem pouco valorizados pelas políticas públicas destinadas à Educação. O que se notaria, de fato, seriam processos de precarização da atividade docente, a despeito do desenvolvimento técnico e tecnológico da sociedade, o qual não se traduz em progresso social equivalente. Nesse sentido, a ideia de formação parece estar em crise, uma vez que é a própria possibilidade do pensamento verdadeiro, na medida em que desde os anos de 1950 vem ocorrendo, na visão dos teóricos críticos, uma ruptura entre uma cultura humanística e calcada no bem comum e outra, mais instrumental e de massas, orientada para uma existência de viés hedonista, imediatista e submetida voluntariamente aos desejos do mercado, do Capital, do consumo e da diversão em si. Assim, os autores defendem em seu ensaio a necessidade de se pensar em outro modelo formativo, calcado na experiência da crítica como a única capaz de superar a grave crise ético-política e ambiental que o planeta enfrenta.

Isto posto, convidamos os(as) leitores(as) a lerem os textos que integram este dossiê e que possam adotá-los como referência nas atividades de ensinar e aprender na UNIVERSIDADE.

## MINIBIOGRAFIA

### **Renata Marcílio Cândido**

Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Integra o Grupo de Pesquisa “História da Educação: Intelectuais, Instituições, Impressos” Universidade Federal de São Paulo.

Email: [renata.candido@unifesp.com](mailto:renata.candido@unifesp.com)

### **Patrícia Aparecida do Amparo**

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP, com estágio doutoral na École Doctorale EPIC (Education, Psychologie, Information et communication) - Universidade Lumière Lyon 2 (França). Docente no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM) da Faculdade de Educação da USP e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP.

E-mail: [patricia.amparo@usp.br](mailto:patricia.amparo@usp.br)

### **Cesar Augusto Castro**

Doutor em educação pela USP. Professor titular da Universidade Federal do Maranhão. Bolsa produtividade do CNPq. Professor permanente dos programa de pós-graduação da universidade federal do Maranhão (PPGE) e da Universidade Federal do Pará (PPGE).

E-mail: [cesar.castro@ufma.br](mailto:cesar.castro@ufma.br)